ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES POR RINOSSINUSITE CRÔNICA NO BRASIL: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO ENTRE 2014 E 2023

Pedro Henrique de Oliveira Langoni Ribeiro Freitas[1]; Andréia Martins Lima[2]; Jade Ponce Bento[3]; João Anderson Prado Rei[4]; Thamires Regina Calderan[5]; Júlia Adriângela Ferreira do Nascimento[6]; Letícia Pedra Ferreira de Vasconcelos Rangel[7]; Diego Maia Lins de Albuquerque[8]; Carolina Gonsalves Ferreira[9]; Fabrício Silva Pessoa[10]

pedrolangony1@outlook.com

Área Temática: Temas livres em Medicina.

RESUMO

Introdução: A rinossinusite crônica (RSC) é uma inflamação persistente das cavidades nasais e dos seios paranasais, com sintomas durando mais de 12 semanas. No Brasil, essa condição afeta significativamente a qualidade de vida dos pacientes, sendo muitas vezes agravada por fatores como poluição e infecções recorrentes. É essencial compreender sua prevalência e impacto no sistema de saúde para desenvolver estratégias de manejo mais eficazes. **Objetivo:** Este estudo visa analisar as internações por rinossinusite crônica no Brasil entre 2014 e 2023, considerando variáveis regionais, demográficas e socioeconômicas, para entender melhor o impacto dessa doença no país. **Metodologia:** Dados foram coletados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), abordando internações por rinossinusite crônica. As variáveis analisadas incluíram sexo, faixa etária e distribuição geográfica. A análise dos dados foi realizada com os softwares Microsoft Excel® e SPSS®. **Resultados e Discussão:** Entre 2014 e 2023, foram registradas 27.289 internações por RSC no Brasil. A região Sudeste teve o maior número de casos (53,7%), possivelmente relacionado à alta densidade populacional e fatores ambientais. A distribuição por sexo foi equilibrada, com uma leve predominância feminina. Faixas etárias entre 40 e 69 anos concentraram a maior parte das internações, sugerindo maior vulnerabilidade dessa população. **Conclusão:** A rinossinusite crônica afeta de maneira significativa todas as regiões do Brasil, com maior prevalência no Sudeste. Os dados apontam a necessidade de maior atenção às faixas etárias mais acometidas e à implementação de estratégias regionais mais eficazes.

Palavras-chave: Rinossinusite crônica; Internações; Epidemiologia; DATASUS.

1 INTRODUÇÃO

A rinossinusite crônica (RSC) é uma condição inflamatória persistente das cavidades nasais e dos seios paranasais, caracterizada pela presença de sintomas que duram mais de 12 semanas. No Brasil, assim como em outros países, essa doença pode estar associada a obstruções no fluxo sinusal ou a infecções recorrentes, resultando em impacto significativo na qualidade de vida dos pacientes. A RSC é classificada em dois subtipos principais: com pólipos nasais e sem pólipos nasais, distinção que é essencial para a condução do diagnóstico e do tratamento (Ah-see et al., 2012; Fokkens et al., 2020).

As definições de rinossinusite crônica no contexto brasileiro seguem, em grande parte, os critérios internacionais, mas com adaptações ao sistema de saúde local. As diretrizes da Academia Americana de Otorrinolaringologia-Cirurgia de Cabeça e Pescoço (AAO-HNS) e os documentos de posicionamento europeus são frequentemente utilizados como referência (Rosenfeld et al., 2015). Para o diagnóstico de RSC, é necessário observar pelo menos dois sintomas persistentes por mais de 12 semanas, como drenagem nasal, obstrução, dor facial e redução do olfato, sendo que a presença de inflamação nos seios paranasais é confirmada por exames de imagem ou endoscópicos. No entanto, nem sempre é exigido que a inflamação seja documentada, de acordo com algumas diretrizes internacionais adotadas (Desrosiers et al., 2011).

No Brasil, a prevalência de rinossinusite crônica é estimada em aproximadamente 5,51%, com base em estudos realizados na cidade de São Paulo. Esse número reflete uma condição de saúde pública relevante, visto que a doença é uma das causas mais comuns de consultas ambulatoriais no país (Pilan et al., 2012). Fatores de risco como a exposição ao fumo, poluentes atmosféricos e condições associadas, como asma e alergias, contribuem para a alta prevalência da doença. Além disso, a presença de pólipos nasais é observada em cerca de 20% dos casos, o que reforça a importância de uma abordagem clínica personalizada para o manejo eficaz da rinossinusite crônica no Brasil (Ah-see et al., 2012; Fokkens et al., 2020). Diante disso, torna-se fundamental analisar o perfil epidemiológico da doença no Brasil, com o objetivo de compreender melhor a distribuição demográfica e impacto sobre o sistema de saúde, a fim de aprimorar as estratégias de prevenção.

2 METODOLOGIA

Este estudo quantitativo foi conduzido com o objetivo de coletar dados abrangentes sobre as internações por rinossinusite crônica no Brasil, entre os anos de 2014 e 2023. Os dados foram obtidos a partir do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), que oferece registros detalhados das internações hospitalares. As variáveis analisadas incluíram aspectos sociodemográficos, como o sexo e a faixa etária dos pacientes, bem como fatores regionais, abrangendo a distribuição geográfica das internações nas diferentes regiões do país. A análise dos dados foi realizada com o auxílio dos softwares Microsoft Excel® e SPSS® versão 25, com foco no volume de internações, distribuição por faixa etária, sexo e região. O estudo utilizou dados públicos anonimizados, conforme as diretrizes estabelecidas pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, não sendo necessária a aprovação ética.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das internações por rinossinusite crônica no Brasil entre 2014 e 2023 revelou um total de 27.289 internações, com distribuição desigual entre as regiões do país. A região Sudeste concentrou o maior número de casos, com 14.658 internações (53,7% do total), o que pode ser atribuído à alta densidade populacional, maior acesso aos serviços de saúde e fatores ambientais, como poluição atmosférica, que agravam as doenças respiratórias. A região Sul, que apresentou 5.846 internações (21,4%), também teve um número expressivo de casos, possivelmente relacionado às condições climáticas e à incidência de infecções respiratórias.

As regiões Nordeste e Centro-Oeste registraram 4.319 (15,8%) e 1.646 (6%) internações, respectivamente. Esses números sugerem que, embora a rinossinusite crônica tenha um impacto considerável nessas regiões, o acesso a cuidados médicos pode influenciar na subnotificação de casos, especialmente em áreas com menor infraestrutura. A região Norte, com 820 internações (3%), apresentou os menores números, possivelmente devido à baixa densidade populacional e às dificuldades logísticas no acesso a serviços de saúde especializados, sobretudo em áreas remotas.

Em relação à distribuição por sexo, as internações foram equilibradas, com uma leve predominância feminina (13.867 internações entre mulheres, representando 50,82%, contra 13.422 entre homens, ou 49,18%). Essa diferença pode ser explicada pela maior procura por cuidados médicos por parte das mulheres ou por diferenças biológicas no sistema respiratório.

As faixas etárias mais afetadas pelas internações por rinossinusite crônica foram aquelas entre 40 e 69 anos, que juntas representaram 51,14% do total de internações, com 5.062 casos na faixa de 40 a 49 anos, 5.296 na faixa de 50 a 59 anos, e 3.599 na faixa de 60 a 69 anos. Indivíduos de 30 a 39 anos também apresentaram um número significativo de internações, com 4.353 casos (15,95%), enquanto as faixas etárias de 20 a 29 anos e de 70 a 79 anos contabilizaram 3.789 e 1.151 internações, respectivamente. As crianças e adolescentes, entre 1 e 19 anos, totalizaram 6.750 internações, destacando-se as faixas de 10 a 14 anos (1.035 casos) e 5 a 9 anos (493 casos). Já os idosos com mais de 80 anos apresentaram o menor número de casos, com 166 internações, refletindo uma possível subnotificação ou diagnósticos tardios nessa faixa etária. Esses dados mostram que a rinossinusite crônica afeta todas as idades, com maior incidência na população adulta, o que pode estar relacionado à exposição prolongada a fatores de risco, como poluição e hábitos como o tabagismo.

4 CONCLUSÃO

A análise das internações por rinossinusite crônica no Brasil entre 2014 e 2023 evidenciou uma concentração maior de casos na região Sudeste, sugerindo que fatores como densidade populacional, poluição e maior acesso a serviços de saúde influenciam os dados. As regiões Sul, Nordeste, e Centro-Oeste também apresentaram números consideráveis, enquanto a região Norte registrou os menores números, refletindo possíveis desafios no acesso a cuidados especializados. O estudo mostrou uma distribuição equilibrada entre os sexos, com leve predominância feminina, e maior impacto nas faixas etárias entre 40 e 69 anos, indicando a influência de fatores como poluição e hábitos de vida prolongados. As limitações incluem a possibilidade de subnotificação em áreas de difícil acesso e a falta de dados sobre fatores socioeconômicos que possam afetar a prevalência da doença. Futuros estudos devem focar em investigar as barreiras no diagnóstico e tratamento em regiões com infraestrutura limitada, além de explorar intervenções preventivas, principalmente em grupos etários mais afetados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AH-SEE, Kim Lawrence et al. Management of chronic rhinosinusitis. **BMJ**, v. 345, 2012.

DESROSIERS, M. et al. Canadian clinical practice guidelines for acute and chronic rhinosinusitis. **Allergy, Asthma & Clinical Immunology**, v. 7, p. 1-38, 2011.

FOKKENS, W. J. et al. European position paper on rhinosinusitis and nasal polyps 2020. 2020.

PILAN, R. R. D. M.et al. Prevalence of chronic rhinosinusitis in Sao Paulo. **Rhinology**, v. 50, n. 2, p. 129-138, 2012.

ROSENFELD, R. M. et al. Clinical practice guideline (update): adult sinusitis. **Otolaryngology–Head and Neck Surgery**, v. 152, n. 2, p. S1-S39, 2015.